



## ***O LUSTRE E A HORA DA ESTRELA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR***



### ***O LUSTRE AND A HORA DA ESTRELA: THE BEGGINING OF THE FEMALE IDENTITY ON CLARICE LISPECTOR'S WORK***

LEOMARA COELHO DAMASCENO

CLARISSA LOUREIRO MARINHO BARBOSA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS  
RECEBIDO EM 25/04/2022 • APROVADO EM 27/06/2022

---

#### **Abstract**

---

Literature reaches the historical and cultural context distributed in works that favor the construction and delineate of other literary texts, besides that, it allows intertextual relations to happen through the production of meaning from a statement to other, a situation that allows interpretations of peculiar meanings to each reader. This work deals with a comparative analysis between the novels **O Lustre** (1946) and **A hora da Estrela** (1977). For this purpose, it performs a sociological analysis of the characters Virgínia and Macabea according to the patriarchal discourse and discusses the construction of female identity through the updating of the “nobody” complex in Clarice Lispector’s works. The bibliographic research is structured around these main theoretical themes: Comparative Literature and influence (NITRINI, 2015), comparativism (CARVALHAL, 2006), intertextuality (KRISTEVA, 2005), sociological analysis (CANDIDO, 2006) and (LIMA, 2002), Patriarchalism (SAFFIOTI, 2004), male dominance (BOURDIEU, 2002), “identity crisis” (HALL, 2011) and “nobody” (RIBEIRO, 1995). This work contributes to the formation of critical readers in order to improve their observations on how the feminine identity is evidenced in the works of Clarice Lispector. In addition, it is expected to contribute to the recognition of the relevance of literature for a critical-reflective reading in respect to social.

---

**Resumo**

---

A literatura abrange o contexto histórico e cultural distribuído em obras que favorecem a construção e o delinear de outros textos literários, além de possibilitar que as relações intertextuais aconteçam mediante a produção de sentido de um enunciado para o outro, situação que permite interpretações de significados peculiares a cada leitor. Este trabalho trata de uma análise comparativa entre os romances **O lustre** (1946) e **A hora da estrela** (1977). Para tanto, realiza uma análise sociológica das personagens Virgínia e Macabéa segundo o discurso patriarcal e discute a construção da identidade feminina mediante a atualização do complexo de “ninguendade” nas obras de Clarice Lispector. A pesquisa bibliográfica estrutura-se nestes principais temas teóricos: Literatura Comparada e influência (NITRINI, 2015), comparativismo (CARVALHAL, 2006), intertextualidade (KRISTEVA, 2005), análise sociológica (CANDIDO, 2006) e (LIMA, 2002), Patriarcalismo (SAFFIOTI, 2004), domínio masculino (BOURDIEU, 2002), “crise de identidade” (HALL, 2011) e “ninguendade” (RIBEIRO, 1995). Este trabalho contribui para a formação de leitores críticos na intenção de aprimorar suas observações sobre como a identidade feminina é evidenciada nas obras de Clarice Lispector. Além disso, espera-se contribuir para o reconhecimento da relevância da literatura para uma leitura crítica-reflexiva no que diz respeito à denúncia social.

---

**Entradas para indexação**

---

**KEYWORDS:** Clarice Lispector. Patriarchalism. Intertextuality. Influence. Identity.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector. Patriarcalismo. Intertextualidade. Influência. Identidade.

---

**Texto integral**

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Use recuo na primeira Este artigo estabelece um estudo comparativo entre as obras **O lustre** (1946), segunda obra publicada por Clarice Lispector e **A hora da estrela** (1977), último romance da escritora. Para tanto, busca-se observar a relação de influência existente entre as narrativas, analisando-se a estruturação das personagens femininas Virgínia e Macabéa enquanto representações da mulher brasileira cuja construção identitária é produzida por um discurso patriarcal capaz de gerar um sentimento de “ninguendade” nos contextos em que vivem e nas relações socioafetivas travadas com outras personagens.

A intenção, então, deste trabalho é de se apropriar do conceito de complexo de “ninguendade”, defendido por Darcy Ribeiro, e o ressignificar como elemento interno de construção dos romances psicológicos **O lustre** e **A hora da estrela**. Assim, alia-se a análise da psiquê das personagens a uma discussão sobre as suas funções sociais incorporadas na realização de suas existências. Desse modo, busca-

se responder ao questionamento: qual a influência da obra **O lustre** sobre **A hora da estrela** no que se refere a composição identitária das personagens Virgínia e Macabéa?

Dessa forma, este artigo se estrutura nos seguintes tópicos: *Pressupostos da Literatura Comparada*, como também *Uma análise sociológica das obras O lustre e A hora da estrela: a perspectiva da influência* e *A identidade feminina das personagens Virgínia e Macabéa: a atualização do complexo de “ninguendade”*. O primeiro tópico discutirá os conceitos de influência e de intertextualidade abordados como formas de se estabelecer um estudo comparativo. No segundo, será realizada uma análise da construção das personagens femininas Virgínia e Macabéa conforme a abordagem sociológica do discurso patriarcal. Por último, o terceiro busca descrever a realização de identidades femininas conforme a resignificação do complexo de “ninguendade” proposto por Darcy Ribeiro. Logo, os três tópicos se identificam por revisitarem o feminino em Clarice Lispector segundo uma análise comparativa baseada em preceitos propostos pelos Estudos Culturais.

A pesquisa almeja contribuir para a formação de leitores críticos pelo viés do diálogo entre as obras destacadas, buscando aprimorar as observações sobre como a identidade feminina é evidenciada em seus textos. Além disso, espera-se contribuir para o reconhecimento da relevância da literatura para reflexão no que diz respeito às temáticas sociais e às possibilidades de deleitar-se nas leituras que recriam o feminino.

## 2 PRESSUPOSTOS DA LITERATURA COMPARADA

É comum a existência de fios condutores, isto é, relações de conexão entre as mais diversas escrituras: livros, poemas, contos, entre outras. São construções de diálogos dos quais têm-se o sentido de troca de ideias ou a apropriação de contextos culturais e sociais, ou seja, de vivências de um tempo e de um povo. Nesse sentido, segundo Carvalhal (2006, p. 86), o comparativismo não é restrito aos trechos ou quaisquer outros elementos que uma obra utiliza de outras, mas tem o alvo assertivo, que é “contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas”. Portanto, há o confronto entre as narrativas em que se almejam descobertas nos enunciados, deixando de lado a comparação como ideal cristalizado. Sobre a Literatura Comparada, é possível afirmar que:

Compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (CARVALHAL, 2006, p. 7).

No campo da comparabilidade, busca-se explorar minuciosamente o objeto de estudo, como também o método utilizado, de modo que estes sejam

coerentemente elucidados mediante a análise do contraste existente entre os textos. Segundo Sandra Nitrini (2015), a literatura Comparada pode ser considerada uma área que envolve execuções particulares segundo relações também singulares existentes entre os textos. Este trabalho dará ênfase à relação de influência como modo peculiar de se estabelecer o comparativismo entre os romances **O lustre** e **A hora da estrela**. Conforme Nitrini (2015), a influência é a ação de apropriação de uma obra por outra, que se dá à medida que se é capaz de identificar as conexões existentes entre elas. Nessa perspectiva, a influência pode não ser visualizada por aquele que não se permite enxergá-la. Ela está manifestada, muitas vezes, em situações implícitas, isto é, nem sempre vai estar refletida na linguagem verbal, mas, sim, na interpretação que está nela e na informação a ser transmitida. Nitrini (2015, p. 130) explica que “influência não é algo que se revela no singular, na maneira concreta, mas deve ser buscada em diferentes manifestações”. Desse modo, o presente artigo buscará discutir as relações de influência existentes no processo de composição das protagonistas Virgínia e Macabéa. A intenção é analisar a realização identitária dessas mulheres, observando como se tornam personagens que se aproximam por conta de fazerem parte de narrativas que se tornam “parentes” na grande família que é o estilo da escritora Clarice Lispector.

Outro pilar do estudo comparativo que fundamenta esta análise é a intertextualidade. Nitrini (2015) a relaciona com a influência por indicar que essas se articulam bem para lidarem com manifestações explícitas. No entanto, defende que a significação do implícito, depende da erudição do leitor. Kristeva (2005) explica que, na intertextualidade, o enunciado poético é parte de um conjunto maior de textos e o significado é o ponto de cruzamento de vários códigos. Em vista disso, Nitrini (2015) propõe que o texto literário seja uma escritura-réplica de outros textos. O que direciona o leitor a buscar na leitura do texto a construção de um outro olhar sobre ele, resultante na relação de ambivalência gerada pelo diálogo de dois discursos.

Da mesma maneira, Samoyault (2008, p. 43) ressalta que “a intertextualidade deve ser compreendida antes de tudo como uma prática do sistema e da multiplicidade dos textos”. Nesse sentido, todo texto é originário de outros textos, pois adquire elementos de outras fontes no seu processo de composição. Com isso, pode-se afirmar que muitos textos são gerados a partir da absorção de informações de outros textos. O trabalho do crítico literário é detectar as recorrências, estabelecendo, para tanto, relações de analogias.

Dessa maneira, serão observadas as vivências da mulher, enquanto minoria oprimida pela voz protagonista de um sujeito masculino com o qual trava relações íntimas e afetivas e também segundo suas relações mútuas com outros personagens que se tornam coadjuvantes em sua vida privada e social. Sobre essa situação de “senhorio”, Benedito Nunes fala sobre o processo de inquietação das personagens de Clarice Lispector, bem como sobre a “acuidade reflexiva” que forma nelas o elo da “consciência de si”, cuja marca é a constituição de uma consciência infeliz em que quanto mais as personagens femininas sabem de si, menos vivem. Essa condição da mulher gera nos romances analisados uma constante dependência e subjugação em relação à figura masculina (NUNES, 1973). Para se compreender a importância de uma reflexão sobre a constituição psíquica das mulheres claricianas, é necessário

que se compreenda a importância das narrativas dessa autora como representações relevantes da literatura feminina brasileira.

A literatura feminina surgiu a partir de um amadurecimento de uma escrita também de mulheres, tendo em vista que a masculinidade foi por séculos guardiã do espaço literário. Nessa perspectiva, muitas mulheres escreveram textos usando pseudônimos masculinos. Isso acontecia para se resguardarem, já que tinham medo de represálias sofridas pelo fato de serem mulheres e de seus escritos serem carregados de uma feminilidade, diferenciada dos estereótipos perpetuados por uma literatura predominantemente masculina. O legado do patriarcado na literatura e sociedade tinha como base padrões de comportamentos impostos às mulheres. Com isso, o feminino era visualizado como submisso e fragilizado. Nesse cenário, Clarice Lispector trouxe para a literatura do século XX um estilo que perdura até os dias atuais, sobretudo, nos seu segundo e último romances. O traço comum a essas narrativas são o olhar crítico e intrínseco sobre a mulher e sua posição social frente ao domínio masculino (CALEGARI, 2005). São situações de questionamentos sobre a própria existência, pondo as suas consciências em crise.

Calegari (2005) destaca que, no Brasil, as discussões mais consistentes relacionadas à mulher iniciaram-se em 1960. Dessa forma, a literatura de autoria feminina no Brasil divide-se em três fases: feminina (1859-1944), feminista (1944-1990) e fêmea (1990-atualidade). Na primeira fase, tem-se a internalização dos valores patriarcais. Na segunda, tem-se o protesto contra esses valores patriarcais em defesa da minoria, quer dizer, as mulheres. Já na terceira, encontra-se a autodescoberta e a busca da identidade particular (CALEGARI, 2005). Ao levar em consideração essas fases, pode-se enfatizar que as obras de Clarice Lispector caminham em direção a fase feminista. Nela, a autora deixa evidente os abusos patriarcais e, ao mesmo tempo, a busca das personagens pela compreensão de suas identidades como realizações particulares em eterno processo de construção conforme a relação com o outro.

Diante disso, defende-se que há uma relação de influência entre os romances analisados neste trabalho, pois serão demonstrados os desdobramentos da narrativa **O lustre** no romance **A hora da estrela**. Assim, argumenta-se que **O lustre** antecipa a circunstância de “ninguendade” da protagonista Virgínia, que será reiterada pouco mais de 30 anos depois em **A hora da estrela** numa nova perspectiva de vivência de Macabéa. Compreende-se, portanto, que apontar influência sobre um autor é enfatizar a precedência da criatividade de uma obra de arte, considerada como um produto humano (NITRINI, 2015). Nesse sentido, a influência que um autor determina sobre si mesmo direciona o objetivo desta pesquisa que é estabelecer um estudo comparativo de duas obras de um mesmo autor. Nitrini (2015) teoriza que o conceito de influência mais coerente é o que estabelece uma soma de relações de contato de qualquer espécie. São relações que conduzem para a presença de determinados elementos em uma obra que são, de algum modo, comparáveis com os encontrados em outro texto, como veremos nas obras em análise (NITRINI, 2015).

Bourdieu (2012) traz uma reflexão sobre a mulher como objeto simbólico na visão da dominação masculina, de modo que sua existência condiz pelo e para o olhar dos outros como objetos receptivos, atraentes e disponíveis. É perceptível o quão importante faz-se pensar em uma literatura construída por mulheres-

escritoras com vistas à busca de uma posição no mundo. Sem prejuízos, o fato de se ter uma literatura feminina não significa que é restrita às mulheres, mas que é um lugar de fala da mulher e isso se tornou possível nos escritos do século XX como os da notável Clarice Lispector. Frente a isso, estabelece-se o estudo em busca de compreender como se revelam os papéis do gênero feminino, em especial das protagonistas, que sofrem com estereótipos de inferioridade nas relações com outros sujeitos, revelações essas que serão apresentadas no decorrer da análise dos textos literários.

### **3 UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS OBRAS *O LUSTRE E A HORA DA ESTRELA*: A PERSPECTIVA DA INFLUÊNCIA**

De romance a romance, Nunes (1973) menciona que a temática existencial é impulsionada na linguagem de Clarice Lispector. Nela, predominam, sobretudo, a consciência reflexiva, a violência interiorizada nas relações humanas e a náusea. Na intenção de revelar, especialmente, as relações interpessoais, este tópico será pautado numa análise sociológica vinculada também a uma análise psicológica das personagens. Dessa forma, busca-se demonstrar como as personagens Virgínia e Macabéa são sujeitos sociais cujas relações são influenciadas por discursos sociais e históricos, a exemplo do Patriarcalismo. Assim, será demonstrado como essas personagens se identificam por serem mulheres constantemente inferiorizadas pelos homens em seus devidos contextos sociais.

A literatura recria problemas sociais, seja por meio das denúncias, críticas ou desaprovações. No entanto, não se pode analisar uma obra apenas pelo aspecto de realidade que ela exprime, nem pela avaliação de sua estrutura como meio independente de qualquer condição social. Neste sentido, é necessário abordar uma obra literária, segundo a relação intrínseca entre texto e contexto (CANDIDO, 2006). Só assim se pode fazer uma análise sociológica cuja interpretação se dá em sua completude. Segundo Candido (2006), o externo (social) não importará como causa nem significado, mas terá como função o papel de composição estrutural do texto literário, tornando-se, portanto, seu fator interno de composição estrutural (CANDIDO, 2006). Em outras palavras, o elemento social não deve ser avaliado como expressão de determinada época. É necessário levá-lo em conta como uma singular produção artística. Por isso, seu estudo deve ser a nível explicativo. Ao situar-se no campo da crítica literária, analisa-se a intimidade das obras. O importante para o crítico literário é identificar como ocorrem os fatores no âmbito interno de modo a formar uma estrutura própria (CANDIDO, 2006).

Candido (2006) acrescenta que, ao analisar o fator social, o crítico literário investiga se ele é composto apenas por matéria ou se também faz parte da essência do texto enquanto obra de arte. Nessa perspectiva, a análise crítica atua em torno da "procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel" (CANDIDO, 2006, p. 14). Dessa maneira, é válido destacar que, além do social (ambiente, costumes, cultura, entre outros fatores), é relevante somar a esse olhar o caráter estético que estrutura o texto literário, envolvendo também a análise do comportamento dos personagens.

Este trabalho, então, pretende discutir como os elementos sociais (externos) são reconstruídos internamente nas obras e quais peculiaridades se encontram interiorizadas nelas.

Nas palavras de Lima (2002), a análise sociológica da literatura sujeitará o objeto analisado à compreensão dos mecanismos vigentes na sociedade. Essa visão é essencial para a realização de um estudo consistente, pois leva em consideração a associação de princípios artísticos à sociais segundo a interpretação estética de certa sociedade. Segundo Lima (2002), as obras devem ser interpretadas como "epifenômenos do tecido social" LIMA, 2002, p.129-130).

A análise sociológica dos romances **O lustre** e **A hora da estrela** será feita tendo como objetivo a observação de como elementos de um discurso patriarcal são recriados como fatores determinantes das relações entre as personagens protagonistas e o sujeito masculino. Nesse sentido, analisa-se nessas narrativas o discurso de dominação do homem sobre a mulher. Essas relações de poder são históricas, dado que "a participação da mulher na família brasileira repete o costume romano que ditava que a mulher transitaria de uma casa para outra, assim como de uma mão para outra" (LOUREIRO, 2010, p. 18). É notório que esse comportamento não ficou no passado e se repetiu com as mulheres presentes nos romances do século XX.

O patriarcado, como relata Saffioti (2004, p. 136), "refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina". Assim, o homem detém poder e autoritarismo sobre a mulher. É uma condição social que as mulheres enfrentaram e ainda perpassam na atualidade ao serem dominadas pela voz opressora masculina. A partir disso, é na literatura, lugar de fala dos excluídos (mulheres, pobres, nordestinos, negros, homossexuais etc), que surge essa discussão para dar visibilidade e denunciar a opressão das classes dominantes.

A partir dos processos sociais, é assimilado o que é ser homem e mulher e internaliza-se a aceitação de que a relação de poder entre eles é "natural". A menina é tida como obediente, passiva e dependente, enquanto o menino é ativo, independente e agressivo (ALVES; PITANGUY, 1981). Desse modo, a hostilidade é própria do sujeito masculino que a exerce física e psicologicamente. O homem pode externalizar ações patriarcais em gestos, autoritarismo, opressão e abuso de poder. Tais ações de agressividade são recriadas nos romances clariceanos analisados neste trabalho.

Virgínia, protagonista feminina de **O lustre**, vivencia a imposição patriarcal da infância para a vida adulta. Essa relação inicia-se com o irmão, seu parceiro de aventuras e passeios na zona rural de Granja Quieta. Tal vínculo gera efeitos depreciativos na sua personalidade, gerando nela uma solidão que impera na cidade grande. O passado a aprisiona. Macabéa, mulher de corpo franzino, nordestina e protagonista de **A hora da estrela**, é submetida ao patriarcalismo também na infância. Contudo, ela é submetida pelo autoritarismo da tia que, por sua vez, reproduz valores moralistas patriarcais. Já na vida adulta, sofrerá com o domínio de um homem por quem desenvolverá sentimentos afetivos ao morar também na cidade do Rio de Janeiro.

Bourdieu (2012) afirma que a forma como é imposta a dominação masculina é diferenciada. Existe a submissão paradoxal que resulta da violência suave, invisível

a suas vítimas. Nesse sentido, esse autor traz reflexões que vão ao encontro das mulheres presentes neste estudo. São personagens femininas que vivem a submissão paradoxal, visto que elas não percebem a forma dominadora como são tratadas pelos homens do patriarcado. As narrativas giram em torno de homens possuidores do domínio social. O patriarcalismo se insere no cotidiano de Virgínia. Ela não percebe as imposições patriarcais dos homens com quem estabelece relações familiares. De modo que entende a submissão como forma de amor. Maca, como é chamada, tende a ser ingênua e não observa a maldade do homem ambicioso, o qual “acha” que é o seu namorado.

O Patriarcalismo é uma problemática sócio-histórica ressignificada por Clarice Lispector nos romances analisados neste artigo. Em vista disso, será estabelecido um estudo comparativo entre **O lustre** e **A hora da estrela** com o objetivo de demonstrar como em ambas as obras existe a influência de um discurso patriarcal nas vivências das protagonistas na zona rural. Essas vivências do patriarcalismo são recriadas em cenários distintos. Em **O lustre**, sugere-se a relação de dominação entre irmãos Virgínia e Daniel. Já em **A hora da estrela**, a tia de Macabéa exerce também uma postura dominadora conforme princípios patriarcais.

Na narração inicial de **O lustre**, a personagem Virgínia sujeita-se aos caprichos do irmão Daniel que predominantemente se impõe como protagonista viril numa relação afetiva predominantemente nociva. Ele era apenas um menino e já reproduzia valores patriarcais. Isso pode ser observado no trecho “[...] ele a tomara e secretamente ela era apenas sua” (LISPECTOR, 1999, p. 28). O uso do pronome possessivo “sua” sugere que, desde que a irmã nasceu, Daniel se apossou dela em segredo como objeto apenas de sua propriedade, o qual outras pessoas não poderiam se aproximar. Assim, ele se aproveitou da inocência da menina cuja postura pode ser observada no seguinte fragmento: “ela era doce e tola, fácil de se conduzir a qualquer ideia” (LISPECTOR, 1999, p. 29). Nesse trecho, observa-se que Virgínia se aproxima do conceito de “sexo frágil”, pois é facilmente manipulada pelo irmão e aceita essa condição, assumindo uma postura dócil como se aceitasse ser domesticada. Esse é um comportamento próprio das mulheres submissas que buscam se adequar a um sistema patriarcal.

A relação dos irmãos é baseada no autoritarismo patriarcal. Enquanto Virgínia é tratada como ser fragilizado, Daniel se apropria da posição superior de um “sexo forte”. Como é notado no próximo trecho:

E mesmo nas épocas em que ele se fechava severo e bruto dando-lhe ordens, ela obedecia porque sentia-o perto de si, ocupando-se dela — ele era a criatura mais perfeita que ela conhecia. Passava então dias numa estranha euforia, como o vento, alta, calma e silenciosa (LISPECTOR, 1999, p. 29).

Nesse trecho, fica evidente o poder de Daniel exercido sobre Virgínia. Sua postura severa e bruta coloca-o no patamar do indivíduo que manda, deixando a irmã na posição de obediência, concedida por ela em decorrência de uma dependência emocional sustentada, também, por um discurso patriarcal de sobrevalorização da figura masculina como sustentáculo das relações afetivas



dentro do seio familiar. Na visão da Virgínia criança, o Daniel menino é o sujeito emocional de sua existência, estabelecendo uma comparação de sua imagem com a de uma “criatura perfeita”. Nessa mesma perspectiva, na ausência de uma figura masculina na criação de Macabéa (órfã de pai e mãe), a tia exerce uma função semelhante. Impõe regras e priva a criança de ter uma infância. Como é denunciado no trecho abaixo:

Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão. As meninas de cabelos ondulados com laços de fita cor-de-rosa. “Quero uma de vossas filhas de marré-marré-deci”. “Escolhei a qual quiser marré”. A música era um fantasma pálido como uma rosa que é louca de beleza mas mortal: pálida e mortal a moça era hoje o fantasma suave e terrificante de uma infância sem bola nem boneca. Então costumava fingir que corria pelos corredores de boneca na mão atrás de uma bola e rindo muito (LISPECTOR, 1998, p. 33).

O trecho acima sugere a denúncia do trabalho infantil doméstico o qual é revelado pelos olhos líricos de uma criança domesticada por um discurso patriarcal. A ausência do lúdico e, ao mesmo tempo, o seu desejo constante é expressado pelo olhar metafórico de uma criança com a vassoura na mão. A calçada, portanto, é uma fronteira entre um “mundo privado”, sujeito a trabalhos domésticos constantes, e um “mundo público”, metaforizado numa rua elitizada cujas crianças se divertem brincando de ser crianças conforme um discurso patriarcal. A citação acima é ainda mais enriquecida pela emissão da cantiga *O pobre e o rico* nas vozes das crianças “ricas”. Como pode ser notado nos fragmentos a seguir: “Quero uma de vossas filhas de marré-marré-deci” e “Escolhei a qual quiser marré”. Nessas vozes, as meninas brincam com preceito patriarcalista que devem ser “escolhidas” por outros rapazes, sejam ricos ou sejam pobres. Ironicamente, Macabéa está excluída desse “jogo infantil” porque é pobre. Clarice Lispector é sutil ao denunciar que, por ser pobre, Macabéa ouve as cantigas enquanto trabalha ao mesmo tempo em que as ricas de laço de fita cor-de-rosa desfrutam da infância, já sendo “ensinadas” a serem “esposas patriarcais”. É possível analisar que as cantigas de roda reproduzem um discurso de divisão de classes dentro do próprio gênero feminino. O sistema patriarcal se apossa da criança pobre. Dita que ela deve trabalhar porque é imposto na sociedade que a mulher nasceu para limpar, passar e cozinhar enquanto as meninas ricas se divertem. Ao mesmo tempo, há uma profecia sobre o próprio futuro emocional de Macabéa, a qual, por não ter sido “ensinada” a ser uma “bonequinha de luxo”, será apenas uma “bonequinha de pano” nas mãos de Olímpico.

Dessa forma, a brincadeira com a boneca e a bola é uma importante metáfora, pois representa a menina pobre, explorada e sozinha, expressando a solidão existencial da personagem na sua fase adulta ao criar um mundo de imaginação maior do que o seu próprio mundo empírico. Talvez esse seja o traço identitário mais forte de Macabéa. A sua ingenuidade denuncia o desejo que ela sente de ter uma infância e sorrir, mas os valores patriarcais reproduzidos pela tia sugerem que

a mulher se dedica aos afazeres domésticos. Como consequência, o brincar hospeda-se apenas na imaginação da criança.

No decorrer das vivências rurais existentes nos romances, nota-se que há uma relação de exploração emocional diferente nas construções psíquicas de Virgínia e de Macabéa. Enquanto Daniel, parte de uma oligarquia patriarcal, quer se colocar como sujeito viril tal qual seu pai dentro de casa, a tia de Macabéa quer exercer seu autoritarismo para explorar o trabalho infantil da sobrinha por conta da situação de pobreza de ambas. Constata-se, então, que o irmão anula Virgínia como sujeito feminino, já a tia anula Macabéa como sujeito social, tirando-lhe o direito à infância.

Virgínia, por muitas vezes, foi apagada por Daniel. O irmão abusou da brutalidade e do desdém para submeter a irmã às suas pretensões de seguir suas ordens. No entanto, a resposta feminina é a sua própria fragilização. Como se nota no próximo trecho: “Ela ficava pálida e vertiginosa entre os instantes ofensivos” (LISPECTOR, 1999, p. 56). Nesse fragmento, é possível perceber que o uso dos qualificativos “pálida” e “vertiginosa” indicam a expressão de medo e de perturbação do equilíbrio de Virgínia. Ela se encontra com o emocional ferido e, ao mesmo tempo, cede seu afeto e submissão ao irmão.

O chamado “livre arbítrio” é algo inexistente nas relações de Virgínia com o irmão. Ela aceita passivamente as ações de brutalidade expostas por ele. Na verdade, a sua autonomia é bloqueada por Daniel e, mesmo assim, o amor que Virgínia sente por ele se fortalece “amando-o tanto quanto jamais poderia amar” (LISPECTOR, 1999, p. 56). Nesse trecho, é exposto o processo de “nulidade existencial” da protagonista que, quanto mais é machucada, mais se anula por amor. À medida que ela sofre, ama-o cada vez mais. Esse regime de dominação e submissão será observado na relação de Macabéa e Olímpico nos próximos trechos deste estudo.

Clarice Lispector foi ainda mais perspicaz ao transferir a influência patriarcal entre as obras também para vida adulta das protagonistas de maneira a denunciar que os abusos do patriarca ocorrem além do ambiente rural, reproduzindo-se na zona urbana. No entanto, os cenários em que a dominação masculina é exibida são similares, porque está refletida nos supostos relacionamentos entre os “casais”. Na narrativa de **O lustre**, Virgínia é dominada por seu amante Vicente. Em **A hora da estrela**, o domínio de Olímpico é evidenciado sobre Macabéa.

A infância de Virgínia realizou-se segundo relações estreitas e conturbadas. Nas refeições em família, ela, a mãe e seus irmãos só podiam sentar-se à mesa após o pai. O diálogo era curto e, na maioria das vezes, a personagem só se expressava pelo olhar. Sentia medo e receio de conversar. A sua existência era dominada pelo silenciamento. A “hierarquia de vozes” é refletida na fase adulta de Virgínia. Em certo momento, o temor de revidar a palavra de uma figura masculina se revela: “— Ah, não é só hoje, respondeu Vicente num tom falsamente alegre, ela é, como se dirá?, uma criatura séria... — Todos riram e assim ele a repudiou em público tirando de si claramente a responsabilidade de sua existência” (LISPECTOR, 1999, p. 104). Nesse trecho, Vicente repudia e não concede o poder de fala a Virgínia, expondo-a como “criatura séria”. A situação é motivo de risadas para as pessoas que os acompanham. No fragmento “tirando de si claramente a responsabilidade de sua existência”, nota-se o autoritarismo de Vicente com Virgínia, típico de um homem que se vê como superior ao ponto de retirar a autonomia e o lugar de fala de uma mulher.

As relações sociais vivenciadas por Virgínia com os homens são compostas por marcas patriarcais de submissão. Obedecer ao irmão não caracterizava nenhum sacrifício, porque o amor que sentia por ele seria capaz de superar qualquer sofrimento. Em outro trecho, é possível notar que com Vicente não é diferente, pois ela submete-se às suas vontades para não desapontá-lo:

E assim preparava-se para viver-diariamente, disposta a transformar-se no que não era para ficar bem com coisas ao redor. Se Vicente amanhecera informe e áspero ela se conservaria em espera, as mãos delicadas, não se manifestando em nenhum sentido para que ele pudesse mudar sozinho, livre de sua existência (LISPECTOR, 1999, p. 109).

O que era para ser uma relação de amor e afeto torna-se uma obrigação. Virgínia se dispõe a mudar sua essência para transformar-se em outra pessoa que carrega uma personalidade distinta da sua realidade. Caso Vicente expressasse brutalidade, ela deveria permanecer contida, sem demonstrar nenhuma recusa ou insatisfação. A inocência da Virgínia criança permanece, resignificada na mulher esperançosa de que o amante mudará suas atitudes sem a necessidade de suas interferências. Ele não muda. Em um passeio na praia, demonstra, mais uma vez, os traços de um homem dominador que silencia a mulher submetida: “ele tentava corrigi-la: banho de mar não cheira, se você quiser muito diga cheiro de mar em vez de maresia, que é o certo. Mas ela, embora nada retrucasse tomava um ar silencioso e impenetrável” (LISPECTOR, 1999, p. 177). A última palavra sempre foi a dele. Isso revela a tentativa falha feminina de edificação do masculino, como traço regente de um discurso patriarcal, gerado na infância e perpetuado na fase adulta. O silenciamento da personagem é também aceitação de uma silenciação feminina, minada pelo machismo estrutural fortalecido pelo engrandecimento do masculino como sutil representação de sua superioridade.

Virgínia, então, está inserida em um sistema opressor. O homem que ela escolheu para amar a reprime. Observa-se no trecho:

Sentiu contra Virgínia a cólera de se amarem, inexplicavelmente, como um capricho, o ódio duro de estar preso a uma mulher que tudo faria para os dois serem felizes. Era ávido o impulso que o queimava, fazendo-o respirar no mais puro e suficiente da revolta. Fez mesmo um gesto com a mão nos cabelos apenas para acentuá-la e fazê-la viver também fora de si” (LISPECTOR, 1999, p. 175).

A insignificância de Virgínia perante Vicente só a rebaixou mais ainda, tornando-a um “objeto de repulsa” pelo olhar de um objeto amado intensamente exaltado. O amante sente ódio por estar ao lado dela e ser amado intensamente. A dependência emocional faz com que Virgínia pense que é amada e busque a felicidade do casal. A realização é só por parte dela, pois se submete a ele como quem

está cumprindo a obrigação de manter a relação. A protagonista não percebe que, enquanto ela o ama solitária, ele não suporta a existência desse amor.

No espaço urbano do romance **A hora da estrela**, Macabéa encontra um nordestino chamado Olímpico de Jesus. Por sinal, um homem de valores patriarcais já internalizados de berço. Olímpico não teve a presença de um pai, mas na posição familiar deste, foi criado por um padrasto que lhe ensinou “o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher” (LISPECTOR, 1998, p. 44). Inicialmente, a narrativa já retrata que o objetivo dele é usar as mulheres para fins econômicos, tendo em vista que é um homem interesseiro e exercerá sua superioridade, rebaixando as mulheres.

No terceiro encontro de Maca com Olímpico, uma chuva fraca cai “ensopando os ossos” e os dois seguem, caminhando sem darem as mãos. No próximo encontro da nordestina com o suposto namorado, também nordestino, mais uma vez, chove. E ele expressa sua brutalidade com a moça:

Da terceira vez em que se encontraram — pois não é que estava chovendo? — o rapaz, irritado e perdendo o leve verniz de finura que o padrasto a custo lhe ensinara, disse-lhe: – Você também só sabe é mesmo chover! – Desculpe (LISPECTOR, 1998, p. 44).

Esse trecho deixa claro que Olímpico culpa Macabéa pela chuva que se repete nos encontros. Ele é violento nas palavras e gestos, apesar de se esconder em um “leve verniz”, fingindo interesse na donzela. Macabéa é dominada por ele, talvez por ser sua única referência de amor. Ela não revida ignorância, pois “já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor” (LISPECTOR, 1998, p. 44). Nesse instante, a pobre moça, além de iludida de amor, encontra-se submissa aos maus-tratos de um farsante. A cena passada na infância se repete, alternando apenas o sujeito opressor.

A manifestação de poder é comum nas investidas de Olímpico sobre Macabéa. Para o também nordestino, não foi difícil se aproveitar da ingenuidade de uma mulher pobre e nordestina que confiou no seu caráter, amando-o antes mesmo de conhecê-lo. A opressão feminina torna-se ainda mais forte quando o dominador passa a olhar para a parceira de trabalho de Macabéa como uma “nova investida”:

Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa — é o que eu descubro agora. Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu a colega da Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe. Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido (LISPECTOR, 1998, p. 59).

Nesse trecho, sugere-se que Macabéa é referenciada como “subproduto”. O personagem a metaforiza como um objeto descartável desprovido de qualquer

“condição social”. O marmanjo patriarcal não vê em Maca um futuro financeiro para que ele pudesse se aproveitar, menosprezando e julgando sua força.

Essa disposição de inferiorização feminina também se associa à inferiorização de sua sexualidade. Isso pode ser notado no seguinte comentário: “Magricela esquisita ninguém olha” (LISPECTOR, 1998 p. 52). As condições físicas de Macabéa são utilizadas pelo dominador como justificativa, por sinal preconceituosa, de que ninguém se interessa por ela. Em outra ocasião, a protagonista fala de seu sonho de ser atriz de cinema, talvez esperando apoio do seu amado:

– Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas. Sabe que Marylin era toda cor-de-rosa? – E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema. – Você acha mesmo? – Tá na cara (LISPECTOR, 1998, p. 53-54).

Dessa forma, ele duvida da sua capacidade física para ser artista. Esse ponto de vista exposto por Olímpico é próprio de uma sociedade patriarcal que oprime a mulher de acordo com padrões que resultam nas divisões sociais entre “lugar de homem” e “lugar de mulher”.

Portanto, o tópico trouxe como foco os “fios da intertextualidade” que entrelaçam os dois romances, destrinchando a sutileza de Clarice Lispector ao usar as metáforas enquanto evidências do discurso patriarcal existente nas vivências sociais distintas das protagonistas. O domínio patriarcal é perpetuado nos relacionamentos afetivos, tanto no ambiente rural, quanto no urbano, demonstrando que o Patriarcalismo é reproduzido socialmente em ambas dimensões. Virgínia cresceu em melhores condições sociais em um seio familiar, com a presença de pai, mãe e irmãos, construindo a marca identitária de uma menina submissa ao irmão Daniel. Esse comportamento é repetido, posteriormente, na sua vida adulta, quando se submete de modo semelhante ao seu amante Vicente. Por outro lado, Macabéa, uma criança órfã, foi criada pela tia autoritária sob condições de trabalho infantil, mergulhada nos valores patriarcais os quais ditam que a mulher deve ser “criada para afazeres domésticos”. Na cidade grande, Maca sofre com abusos de inferiorização exercidos por Olímpico. Desse modo, essas existências individuais se aproximam pelo viés do discurso patriarcal à medida que as personagens se inferiorizam ou aceitam ser inferiorizadas por outros indivíduos, seja por conta do grau de parentesco ou não. Assim, vivenciam uma circunstância de “ninguendade” que será abordada no tópico a seguir.

#### **4 A IDENTIDADE FEMININA NAS PERSONAGENS VIRGÍNIA E MACABÉA: A ATUALIZAÇÃO DO COMPLEXO DE “NINGUENDEDE”**

A proposta deste tópico é relacionar as obras **O lustre** e **A hora da estrela**, buscando discutir como as personagens femininas protagonistas incorporam uma

postura que pode ser identificada com o complexo de “ninguendade” exposto por Darcy Ribeiro na obra *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995). Na sociedade, os indivíduos encontram-se em constante processo de construção identitária. Desde o final do século XX, grandes mudanças nas estruturas sociais vêm acontecendo e modificando as relações entre as pessoas. Essas mudanças também influenciam a transformação da identidade individual e, ao mesmo tempo, da identidade construída coletivamente, já que o povo de determinada localidade possui características que o diferenciam dos demais. Nessa perspectiva, a “crise de identidade” ocorre quando o sujeito é limitado socialmente, deixando de construir sua marca de identidade por causa das interferências provocadas no âmbito externo ou quando sofre com as mudanças impostas por outros sujeitos. De acordo com Hall (2011, p. 9):

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.

A crise identitária indica que o sujeito já não vê mais sentido em si, pois há o seu deslocamento tanto do âmbito social e cultural, como também no pessoal (particular), colocando-o em posição de “ninguém” do ponto de vista pessoal e também no olhar geral da sociedade em que está inserido. A identidade sofre transformações constantes, seja pela variação cultural ou pela alteração do “eu” quando este entra em contato com o externo. De acordo com Hall (2011), existem três concepções de identidade: sujeito do iluminismo, sujeito pós-moderno e sujeito sociológico. Para fins desta pesquisa, esse último conceito de identidade será utilizado, visto que, segundo Hall (2011), este evidencia a dependência do sujeito para com o outro, pois depende de outras relações significativas para construir valores, sentidos e símbolos, dado que sua identidade é ressignificada pelo contato coletivo, isto é, pela interação com outros sujeitos. Essa relação de contato com o outro pode, no entanto, edificar e contribuir para o crescimento identitário do indivíduo ou destruir a existência, causando sofrimento e gerando a crise de identidade. Essa instabilidade identitária é ressignificada nos romances **O lustre** e **A hora da estrela** como um processo de “ninguendade”.

Darcy Ribeiro explica a “ninguendade” como oposto da identidade quando fala da carência dos nativos oriundos da mestiçagem (os brasileiros) de terem sua própria identidade e suas próprias características, visto que é uma massa que “viveu por séculos sem consciência de si, afundada na ninguentade. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros” (RIBEIRO, 1995, p. 453). Nessa acepção, busca-se descrever como ocorre a atualização do complexo de “ninguentade” nas personagens Virgínia e Macabéa, protagonistas das obras a serem analisadas.

Os desdobramentos da realidade interior das protagonistas criadas por Clarice Lispector se dão por meio do contato com o outro, construindo um ponto comum entre elas evidenciado na “violência represada dos sentimentos primários e destrutivos— cólera, ira, raiva, ódio— que subitamente explodem” (NUNES, 1973, p. 98). Dessa forma, os sentimentos expressados por Virgínia e Macabéa são “quebrados” ao longo de suas existências quando vivenciam relações abusivas dentro da cidade grande. As dores se internalizaram nas mulheres “invisíveis” socialmente, construindo relacionamentos conflituosos e solitários. As identidades das personagens femininas sofrem interferências de outros sujeitos na tomada da imagem do outro com que se defrontam como reflexo, sobrepondo o que elas “conhecem” ou pensam que sabem sobre si (NUNES, 1973).

Ribeiro (1995, p. 98) afirma que “a assunção de sua própria identidade, pelos brasileiros, como de resto por qualquer outro povo, é um processo diversificado, longo e dramático”, revelando, então, os percalços que podem surgir de diferentes formas na construção identitária de um povo, deixando-a em crise. Nesse sentido, a contribuição do conceito de identidade sociológica enfatizado por Hall (2011) será utilizada como base para a análise das relações sociais das mulheres, ou seja, das vivências construídas pelas protagonistas dos romances, comparados a fim de se atualizar o conceito de “ninguendade” exposto por Darcy Ribeiro segundo um contexto de construção identitária do feminino nas obras, demonstrando que o auge dessa “ninguendade” se dará na morte física e simbólica das protagonistas femininas. A morte pode ocorrer de maneira concreta (física), mas também pode carregar a simbologia de uma “morte processual”, significando as perdas durante a vida acarretadas por frustrações, dores existenciais e separações.

No cotidiano, muitas experiências podem trazer à tona uma “presença da morte na vida”. Isso ocorre porque, mesmo que a morte não ocorra concretamente, já que a morte física é universal e irreversível, surgem outras tribulações que podem findar uma vida. São elas a separação, o excesso de dor e de tristeza em uma situação-limite, entre outras aparentemente expostas como alegria e superação, mas que, no íntimo, o espectro da “morte” emerge, demonstrando a vida em uma destruição gradual e cumulativa (KOVACS, 1996). As obras aqui analisadas apresentam uma simultaneidade de atropelamentos e do fluxo de consciência de Virgínia e Macabéa, que serão apresentados como detentores das respostas acerca de suas próprias existências.

As circunstâncias de morte se aproximam nas obras **O lustre** e **A hora da estrela** por conta de um atropelamento inusitado das protagonistas. São condições de mortes que se dão fisicamente, mas que retratam a “ninguendade” de Virgínia e Macabéa por trazerem a perspectiva de uma morte simbólica de suas identidades, já que foram mulheres silenciadas por sujeitos patriarcais, morrendo um pouco a cada dia.

Após conviver um pouco com o ambiente urbano, Virgínia decide fazer uma viagem à Granja Quieta com a intenção de rever seus familiares, mas percebe que a solidão continua tomando conta da sua existência, semelhante à infância. Por isso, opta por retornar à cidade grande. No trecho a seguir, observa-se a chegada da protagonista ao destino. Ela pressente a mudança em sua vida a partir do momento em que o seu rosto começa a transparecer o receio de algo novo, visto que sua vida até então foi de monotonia. Isso pode ser observado no fragmento abaixo:

O rosto empoeirado sob o chapéu ligeiramente deslocado da cabeça parecia obscuro e oprimido por um vago temor. O que sucedia? por que desfalecia todo o seu passado e começava horrivelmente um tempo novo? De súbito começou a transpirar, o estômago encolheu-se numa só onda de enjôo, ela respirava terrivelmente opressa e arquejante — o que lhe sucedia? ou o que ia suceder? Num esforço em que o peito parecia suportar um viscoso peso, com um mal-estar incedível, atravessou pálida a rua e o carro dobrou a esquina, ela recuou um passo, o carro hesitou, ela avançou e o carro veio em luz, ela o percebeu com um choque de calor sobre o corpo e uma queda sem dor[...] (LISPECTOR, 1999, p. 266).

Os questionamentos feitos por Virgínia “O que sucedia?”, “por que desfalecia todo o seu passado e começava horrivelmente um tempo novo?” e “o que lhe sucedia? ou o que ia suceder?” deixam evidente a sua previsão sobre algo que está para acontecer e fugirá do seu controle, como sempre foi na sua inexistência. O passado se perdeu naquele instante e uma “nova vida” se inicia. A sua vivência foi de extrema inferiorização e, por isso, até a sua respiração tornou-se oprimida. Como previsto pela personagem, é o começo de um tempo horrível. Durante a vida, Virgínia se submeteu às imposições de sujeitos masculinos sem hesitar. O carro é metaforizado como novas investidas no intuito de se apropriar da sua fragilidade. A personagem feminina tenta desviar, mas é atropelada e cai sem dor, demonstrando que já se acostumou com os sentimentos de angústia.

Em **O lustre**, não é dada ao leitor a reflexão de Virgínia no momento de pré-morte, trazendo a ironia a essa própria circunstância, resultante das personagens que a rodeiam no momento da sua morte. A morte transforma-se em um espetáculo de cenas. Como podem ser observadas nos trechos:

Névoas se esgarçando e descobrindo formas firmes um som mudo rebentando da intimidade adivinhada das coisas o silêncio comprimindo partículas de terra em escuridão e negras formigas lentas e altas caminhando sobre grossos grãos de terra, o vento correndo alto adiante, um cubo límpido pairando no ar e a luz correndo paralela a todos os pontos, era presente, assim fora, assim seria, e o vento, o vento, ela que fora tão constante. As pessoas então reuniram-se ao redor da mulher enquanto o carro fugia. — Mas eu vi mesmo como o automóvel chegou nesse instante, mas nesse instante, e passou por cima dela! — Esses *chauffeurs* são malucos, meu filho um dia ia sendo atropelado mas felizmente... — Ele disse que nesse instante, mas nesse mesmo instante... (LISPECTOR, 1999, p. 268)

Na transcrição acima, verifica-se que, no findar da pouca vida de Virgínia, tanto a natureza como a morte são personificadas para exprimir poeticamente essa



circunstância. As ações da natureza ganham força no intuito de enfatizar a morte repentina da personagem. No fragmento “o vento correndo alto adiante, um cubo límpido pairando no ar e a luz correndo paralela a todos os pontos, era presente, assim fora, assim seria, e o vento, o vento, ela que fora tão constante”, nota-se que o vento contempla a vida de Virgínia, apropriando-se dela, haja vista a aparição do vento forte como “elemento vigoroso” que antecede o atropelamento. No entanto, a ironia presente no final do fragmento exposto assegura um olhar metafórico sobre esse vento, logo, há um substantivo masculino utilizado ironicamente na descrição do cenário da morte de uma personagem feminina inferiorizada. Na fala “ela que fora tão constante”, vê-se o sarcasmo em relação à individualidade da protagonista, isto é, a sua “ninguendade” da infância até a morte. É um sujeito feminino que sempre se manteve inferior, por isso, a constância.

Após a ocorrência do atropelamento, curiosos rodeiam o corpo e começam a dialogar sobre o acontecimento. Dentre essas pessoas, aproxima-se uma mulher que deprecia Virgínia, apontando-a como amante do seu marido, o porteiro do prédio onde a protagonista morou por um tempo na cidade. Isso pode ser observado no trecho a seguir:

— Olha só, olha só! gritou espantada e vitoriosa esta... essa... já ia agora dizer um nome que os mortos já não merecem! bateu ela com a mão na boca. — Mas o quê? como? perguntavam várias pessoas interessadas. — Deus me perdoe, mas essa mulher andou com coisas para o lado de meu marido — e'stá'í o castigo! Meu marido é porteiro do edifício onde ela morava e esta... esta... começou a receber meu homem no quarto! imagine! nem cara tem! Avisei o marido para parar com a história e por pouco não vi eu mesma esganar esta... Mas olha só, logo quem eu vou ver morrer. Sufocava abafada a pobre mulher. — Mas a senhora tem certeza? perguntou baixo e interessada uma velha de preto sacudindo a dura rosa do chapéu. — Se tenho! gritou a mulher abrindo os braços (LISPECTOR, 1999, p. 269).

Iniciam-se, então, os insultos narrados nos fragmentos: “essa mulher andou com coisas para o lado de meu marido” e “esta... começou a receber meu homem no quarto! imagine! nem cara tem! Avisei o marido para parar com a história e por pouco não vi eu mesma esganar esta...”. A voz dessa personagem que vangloria a circunstância de morte da protagonista expressa uma ironia que reproduz um discurso patriarcal do rebaixamento feminino à condição de amante e, logo, concubina, que deve ser recriminada por outras mulheres. O proferimento desses julgamentos, por sinal, sem fundamentos, afronta ainda mais a dignidade da personagem feminina quando, ao ser questionada por outra personagem, descrita como “velha de preto” sobre a veracidade de tal condenação, a esposa do porteiro reafirma: “— Se tenho! gritou a mulher abrindo os braços”. Nesse contexto, reitera-se que a própria existência de Virgínia é uma ironia, considerando o fato de ser uma mulher sempre rebaixada e subjugada pelo discurso do outro, sem receber o direito a uma resposta. No caso do texto, a própria morte é uma silenciação.

Na sequência da narrativa, surge um homem “pálido, calmo e pequeno”, reconhecido pelo guarda como morador do Edifício S. Tomás. É possível perceber sua fala de julgamento no trecho:

— E o senhor quem é? gritava-lhe o guarda assumindo suas funções e vendo-o de pé, pálido, calmo, pequeno. Ele hesitou um instante. Depois vagarosamente fitou o guarda e com delicadeza respondeu: — Sou... — Não me diga, não me diga, eu sei! Espere... espere. Ah, como não, do Edifício S. Tomás! Pois então eu não havia de conhecer?! Já lhe multei por contramão há muito tempo, hem? riu o guarda lembrando — todas as rugas de seu rosto contraíam-se simpáticas e inocentes. (...) Assim, ela recebia homens no seu quarto. E assim ela recebia homens no seu quarto! Prostituta, suspirou ele. A morte inacabara para sempre o que se podia saber a seu respeito. A impossibilidade e o mistério cansaram com força seu coração (LISPECTOR, 1999, p. 270).

O sujeito masculino difama Virgínia: “ela recebia homens no seu quarto. E assim ela recebia homens no seu quarto! Prostituta, suspirou ele”, julgando-a como prostituta por receber homens no seu apartamento. É um discurso patriarcal de que a mulher não pode aproximar-se de outros homens que não sejam o esposo ou um familiar. Nesse sentido, a mulher não pode ter amigos homens, porque já é motivo de calúnias e inferiorização. Virgínia não pode se defender, porque foi silenciada durante toda sua vivência e “a morte inacabara para sempre o que se podia saber a seu respeito. A impossibilidade e o mistério cansaram com força seu coração”, evidenciando uma “ninguendade” a partir do silenciamento da personagem, a qual teve sua identidade construída a base de julgamentos, causando sua morte simbólica e o cessar de sua vida.

O romance **A hora da estrela** aproxima-se da obra **O lustre** por ambas apresentarem personagens femininas detentoras de “identidades em crise”, consequência da limitação existencial imposta por sujeitos patriarcais. Macabéa, assim como Virgínia, também é atropelada, resultando na morte como expressão de sua “ninguendade”. No fragmento abaixo, observa-se que a circunstância de morte de Macabéa possui um diferencial, já que é revelada a consciência da personagem, que aparenta desabrochar no instante da sua morte. Então, é o momento de Maca ser ironicamente a estrela de cinema que sempre sonhou, voltando os olhares para si:

Tanto estava viva que se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal. Grotasca como sempre fora. Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço. Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá (LISPECTOR, 1998, p. 84).

A posição fetal é uma revelação do renascimento da personagem. Ela sempre cedeu, sendo passiva e submissa, além de solitária, por toda a sua vida. Assim, a morte é metaforicamente o momento do abraço existencial de Macabéa. A repetição enfática “eu sou, eu sou, eu sou” expressa, pela primeira vez, a sua consciência de sujeito desejante, buscando dentro do próprio íntimo a força espiritual de sobrevivência. Essa reafirmação do “eu” compara-se com o “bater no peito” para se defender um posicionamento, demonstrando que Macabéa sempre foi excluída e maltratada. Porém, a morte é a sua maior epifania que só acontece quando se afirma de sua predominante invisibilidade. Nota-se, no próximo trecho, a pré-morte da protagonista, marcada pela forte narração das suas vontades e sensações:

Então — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver. E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo. (LISPECTOR, 1998, p. 84).

Nesse trecho, o momento da morte de Macabéa se diferencia do fim de Virginia, pois ela é observada pelo narrador, que vê beleza no seu modo de morrer, autenticando a relevância da morte como proporcionadora de voz à personagem, nem que seja através da sensualidade do morrer. A ironia é substancial nessa cena. O fragmento “ela nascera para o abraço da morte” evidencia que Maca sempre esteve à beira da morte, embora que fosse simbólica e paulatina. Por isso, a morte é o personagem predileto do narrador, enfatizando que a vida da protagonista cessou aos poucos desde o seu nascimento e, agora, na hora da morte, é preciso que ela seja percebida de forma a contribuir para o seu desejo de sentir-se viva ao se encolher, posto que, muitas vezes, foi apagada por outros indivíduos que com ela conviviam. A partir disso, nota-se a “morte” do narrador, concomitantemente, com a morte da protagonista, conforme observado no desfecho da obra:

Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo (LISPECTOR, 1998, p. 86).

No trecho apresentado, percebe-se a revelação de uma dupla morte, evidenciando a ligação íntima entre o narrador e Macabéa. O narrador é a própria Clarice Lispector, que aparenta descrever em **A hora da estrela**, último romance escrito por ela, seu epitáfio de morte. Já doente, a escritora transfere para Macabéa seu fluxo de consciência, expressando a sua vontade de viver, mesmo que já esteja

no fim. O fragmento “não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça” esclarece a morte simultânea e inevitável da arte e do criador, pois sugere-se o entrelaçamento do último sopro de vida da autora com o da protagonista, mesmo que elas ainda estejam mergulhadas na vontade de viver.

Por fim, é possível afirmar a importância da associação do complexo de “ninguendade” com a morte das personagens, tendo em vista que, nesse momento, ocorre o ápice da revelação de seus lugares no mundo. As protagonistas foram mulheres silenciadas e invisibilizadas por discursos patriarcais impostos na sociedade e só após o atropelamento é que conseguem ter os olhares voltados para elas. Virgínia continua com a identidade em “crise”, pois nos últimos instantes de vida é julgada como prostituta e amante, sem poder se defender. Já Macabéa consegue ganhar voz, mesmo que apenas no seu fluxo de consciência, lutando pelo reconhecimento do seu desejo de existência ao repetir “eu sou”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo estabeleceu um estudo comparativo entre os romances **O lustre** e **A hora da estrela**, proporcionando uma discussão sobre a construção identitária feminina segundo um discurso patriarcal, determinante do complexo de “ninguendade”, evidenciado em mulheres silenciadas até o momento de suas mortes. Foi constatado, a partir da análise sociológica das obras, que Virgínia e Macabéa são personagens femininas atingidas pelo domínio masculino, independentemente de suas classes sociais.

Assim, foi possível perceber as vivências das protagonistas imersas em situações de passividade, expressando obediência e rebaixamento aos “comandos” dos sujeitos masculinos, trazendo reflexões sobre como os atropelamentos das protagonistas fazem parte do momento de única visibilidade delas. Dessa maneira, a construção e elaboração desta pesquisa teve como resultado a aproximação entre os dois romances de Clarice Lispector pelo viés das vivências de protagonistas simples, silenciadas e menosprezadas em uma sociedade patriarcal, fato que não é diferenciado do cenário ocorrente no século XXI, no qual o apagamento das mulheres ainda é gritante.

Espera-se que a pesquisa apresentada incentive outros estudos sobre a identidade feminina nas obras de Lispector, bem como contribua para a formação de leitores críticos não só amantes da Literatura Comparada, mas também sujeitos interessados em refletir no tocante as questões implícitas, as quais estão presentes e são recorrentes nos textos literários, inclusive em obras como essas analisadas, das quais, muitas vezes, apenas é retirada a impressão de um final feliz como nos contos de fadas, no entanto, o que veio à tona foram os resquícios de uma denúncia social. Portanto, foi esse o resultado que o aprofundamento na leitura e análise das obras permitiu enxergar.

---

## Referências

---

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CALEGARI, Lizandro Carlos. Ideologia, violência e patriarcalismo: a condição feminina em um conto de Clarice Lispector. **Revista Literatura e Autoritarismo**, n. 5, jan./jul. 2005.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.
- KOVÁCS, Maria Júlia. A morte em vida. In: BROMBERG, Maria Helena; KOVÁCS, Maria Júlia; CARVALHO, Maria Margarida; CARVALHO, Vicente (orgs.), **Vida e morte: laços da existência** (p. 11-33). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **O lustre**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOUREIRO, Clarissa Marinho Barbosa. **As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI**. 2010. 297 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7441>. Acesso em: 06 jul. 2021.
- NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: Edusp, 2015.
- NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. 1. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

---

## Para citar este artigo

---

DAMASCENO, L. C.; BARBOSA, C. L. M. O lustre a hora da estrela: a construção da identidade feminina nas obras de Clarice Lispector. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 11, n. 2, 2022, p. 1-22.

---

## As autoras

---

LEOMARA COELHO DAMASCENO é mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) na linha de pesquisa Campo Educacional, Cultura Escolar e Currículo. Possui especialização em Linguística e Formação de leitores. É licenciada em Pedagogia pela UNICESUMAR.

CLARISSA LOUREIRO MARINHO BARBOSA possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1999) e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura de cordel, literatura comparada, cultura popular, gênero e artes. É professora da UPE.